

AÇÕES EM ARTE NAS REDES SOCIAIS: EXPOSIÇÕES E PROJETOS DE ARTE UNIVERSITÁRIA NA PANDEMIA

ART ACTIONS IN SOCIAL NETWORKS: EXHIBITIONS AND UNIVERSITY ART PROJECTS IN PANDEMIA

Cinara Barbosa / UNB

RESUMO

O artigo parte da abordagem de produções artísticas em circulação pelas redes sociais, desenvolvidas durante o período de confinamento social devido à pandemia da Covid-19. Destaca-se o relato acerca de um projeto universitário de ações de arte. Tem como desdobramento problematizar o processo discutindo a aceleração do tempo, a dispersão do espaço, o excesso de presente e as noções de pertencimento aos contextos de conectividade na vivência de uma temática preponderante. Enfatizam-se questionamentos para avaliar o caráter de uma arte universitária e as criações motivadas por contextos sociais.

PALAVRAS-CHAVE

Arte universitária; Pandemia; Redes sociais; Extensão.

ABSTRACT

The article starts from the approach of artistic productions in circulation through social networks, developed during the period of social confinement due to the Covid-19 pandemic. The report about a university project of art actions stands out. Its unfolding is to problematize the process by discussing the acceleration of time, the dispersion of space, the excess of gifts and the notions of belonging to the contexts of connectivity in the experience of a predominant theme. Emphasizes questions to assess the character of university art and creations motivated by social contexts.

KEYWORDS

University art; Pandemic; Social networks; Extension Programs.

A arte e seu tempo e o tempo em colapso

São 167 dias de estado de pandemia no mundo ou cerca de 109 dias no Brasil até o dia 14 de junho de 2020. Podemos contar por volta de 4 mil ou mais de 2600 horas respectivamente. Em território brasileiro contabilizamos 156960 minutos da experiência do confinamento, da ameaça da Covid-19 e da percepção da ruína do tempo. É no sentido da observância da vivência de um tempo implodido que propositadamente iniciamos este artigo apresentando dados, que, como marcos temporais de um momento preciso, demonstram um passadismo no momento em que surgem.¹

Faz parte da dinâmica da produção artística atenção e disposição sensível para questões sociais que ativam a percepção consciente para fatos históricos da humanidade. Algumas narrativas e representações produzidas sobre períodos da sociedades acometida por doenças vêm sendo apresentadas como temática na abordagem de fatos do momento por meios de comunicação. Explora-se tanto a impoderabilidade do livro *A peste*, de Albert Camus, quanto a aflição da doença e do futuro incerto como ocorreu com Egon Schiele (1890-1918) retratando a própria família durante o surto da Gripe Espanhola (1848 -1919).²



Figura 1. Egon Schiele (1890-1918), *The Family (Self Portrait)*, 1918
Oil on canvas, 152.5 × 162.5 cm. Fonte: <https://www.artsy.net/the-national-gallery-london>.

Pensar a arte em circulação nas redes sociais no período pandêmico e de confinamento enseja refletir mais sobre quais perguntas se tornam apropriadas fazer, que em respostas convincentes a dar. Como refletir sobre iniciativas coletivas e seus propósitos? Quais os valores históricos e artísticos a mensurar? A história da arte, assim como os fatos históricos, ajudam a compor a história das sociedades. De qual tempo e história iremos tratar quando voltarmos ao normal? E, qual será o novo normal a partir da pandemia e das web-vivências?

No fim do século XX Eric Hosbawn alertava para uma destruição do passado e da experiência pessoal com momentos de outras gerações. “Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem” (2003, 13). Para o autor, historiadores tornam-se mais do que relevantes no ofício para lembrar o que outros esquecem. Então, o que temos no momento pode ser visto como um duplo problema de aceleração de um presente massivo e uma noção de tempo que escapa a todo momento.

Muitas manifestações artísticas que circulam pelas redes sociais devido ao confinamento decorrente da pandemia fazem referência a esta como conteúdo. Com os casos da doença e mortes, normativas e contra-normativas político-sociais, propagaram ações e comportamentos das populações. Entram em circulação recomendações relativas a medidas para proteção e prevenção da doença como, por exemplo, o uso de máscaras ou o hábito de lavar e desinfetar as mãos.³ O diagnóstico imediato do cotidiano passa a ser atualizado em imagens de maneira incessante e acendem uma ambivalência interpretativa de sua função. Afinal, como sintomas de uma época, tais produções da pandemia são necessárias ou descartáveis à medida que os acontecimentos mudam?



Figura 2. Rick Rodrigues, Sem título, Série Pandemia-quarentena, 2020. Bordado sobre máscara descartável. Dimensões: 9,5 cm x 28cm. Fonte: @oagaleria no Instagram

O material apresentado nas redes deflagra complexidades que podem ser divisadas por princípios teóricos acerca do fim mundo, do antropoceno e de ambiguidades do aceleracionismo. Deborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro (2014) ajudam a refletir sobre o estado do adoecimento global, os valores da civilização, a queda da população e a barbárie. Comentam a situação que está por vir podendo ser “tanto mais bárbara quanto o sistema tecnoeconômico dominante (o capitalismo mundial integrado) continuar sua *fuite en avant*” (idem, 12-13). Assim, a crise planetária e a problemática do capitalismo criam chaves críticas para pensar a produção de arte na rede.

De modo geral, a questão norteadora deste artigo imputa quase uma prerrogativa ético-moral: em meio ao volume de produção e exibição de material nas redes deflagrador de vertigem, deveríamos ou não produzir mais trabalhos e imagens sobre o estado pandêmico? Como alertou Byung-Chul Han, em seu *Sociedade do Cansaço* (2015), já experimentávamos um imperativo de desempenho e um excesso de positividade que descambava em diversos tipos de violência neuronal, da síndrome de hiperatividade à de Burnout, o que tem sido potencializado em tempos de pandemia. Para Han, “No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação” (2015, 23). Pensando por sua vez a condição de confinamento e a sensação de implosão da noção do curso do tempo, vale lembrar a condição da sociedade da transparência. Para o autor: “O tempo se torna transparente quando é aplainado na sequência de um presente disponível. Assim, também o futuro é positivado em um presente otimizado. O tempo transparente é um tempo sem destino e sem evento” (2018, 10). Paula Sibilia também comenta do teor dessa velocidade: “(...) o tempo não é mais compartimentado geometricamente, passando a ser um contínuo fluido e ondulante, sempre escoando e nunca suficiente”. (SIBILIA, 2015, 29).

Comentar sobre a aceleração da sociedade implica dimensionar as investidas do capitalismo.⁴ “Em sua forma neoliberal, essa autoapresentação ideológica é uma das forças de liberação das forças de destruição criativa, liberando inovações tecnológicas e sociais em contínua aceleração” (SRNICEK e WILLIAMS, 2013, 271). Na esteira dessas transformações de aceleração do tempo existe também a dissolução do espaço, que fortalece o capitalismo no sentido de superação de uma corporeidade humana e a favor de um digital pleno. Isto é, que à revelia de qualquer hesitação sobre o excesso incide o desejo de existir como um individual institucional.

Neste sentido, a outra pergunta a ser feita é qual a condição de não pertencer às circunstâncias as quais já estamos imersos? Ou, somos capazes de preterir à existência institucional das redes? E, se ao programar essa participação como medida

de sermos essa “extensão-rede” de nossos corpos, e assumir sermos medidos pela “capacidade de conectividade” (SIBILIA, 2015), possamos alcançar o campo de atuação que possa interessar?

Arte universitária e relatos de práticas artísticas na pandemia

Como sabemos, no âmbito da universidade, a formação em arte cumpre com requisitos tanto de disciplinas práticas quanto de conhecimento histórico, teórico e crítico de embasamento artístico e de outras áreas que potencializem questões interrelacionadas. Diversas linguagens como pintura, escultura, fotografia, desenho, arte tecnológica e instalação na concepção da arte contemporânea e suas abordagens podem ser exploradas no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão.

É no segmento da extensão universitária que o projeto Ações em Arte nos Tempos da Covid-19⁵ foi desenvolvido para explorar tanto as práticas quanto para percebermos as relações de criação artística a partir das urgências de uma época que enseja a produção. Refletindo-se sobre este modo de operação, problematiza-se também o caráter de densidade dessa produção artística no cruzamento com as problemáticas que a velocidade do tempo acrescenta.

De início, o projeto de extensão teve como propósito envolver a comunidade acadêmica do Departamento de Artes Visuais durante o período de confinamento e de suspensão do calendário acadêmico devido à pandemia e, portanto, sem aulas presenciais, em estratégias que pudessem atender tanto a instituição quanto a comunidade. Objetivou-se também, tratar de temas relativos à Covid-19 que servissem de alerta e combate à contaminação, e que estimulassem a compreensão dos sentidos da arte e da sua necessidade de apreciação. É importante ressaltar que ‘a importância das artes’ durante o confinamento se tornou assunto nas redes e de coberturas jornalísticas, tendo desdobramento na discussão de medidas de políticas emergenciais para o setor cultural.⁶

Para o projeto de pesquisa Ações Arte nos tempos da Covid-19⁷ importa a reflexão do fazer artístico motivado por contextos sociais, as dinâmicas da ocupação das redes, suas problemáticas e percepção das subjetividades em construção como possibilidades de abordagens temáticas e campo da produção dos sentidos. Desse

modo, foi realizada uma chamada de inscrições para docentes e discentes para realização de atividades e desenvolvimento de trabalhos e discussão sobre o campo das artes. Tendo em vista a necessidade de obedecer protocolos de distanciamento social, tornava-se oportuna a possibilidade de exploração das plataformas digitais pois, ademais, o tópico da educação *on line* ganhou visibilidade. Assim, um ponto em destaque foi criar atividades voltadas tanto para a prática artística quanto teórica por parte de docentes e discentes.

Os trabalhos de exposição exibidos na rede social se segmentaram entre propostas de apresentação de obras já existentes, e a produção inédita de trabalhos de artistas contemporâneos atuantes em pesquisas autorais específicas, e, ainda, artistas universitários, ou seja, discentes em formação. Percebeu-se ao longo do processo a necessidade da discussão acerca das distinções existente na cultura artística brasileira, entre os artistas que se desenvolvem na academia e os que estão inseridos de forma mais dedicada ao sistema das artes, entre outros segmentos o do mercado de arte. O problema dessa separação diz respeito a impor hierarquias ou ajuizar valores acerca das produções apenas pelo pertencimento a uma das posições, estar ou não estar na academia, e pertencer a um circuito artístico.

Para Marco Giannotti “O artista que vai para a universidade deve estar ciente que sua formação também implica fomentar um discurso artístico”. (2003, 91). Pode-se dizer que a problemática envolve a relação entre a materialização/concretização de um trabalho artístico e elaboração escrita de comentários críticos, descritivos e, ou conceituais entre outros sobre a própria obra. Além do campo acadêmico muitos artistas ou curadores, que também são professores, não estão isolados na universidade e transitam no circuito artístico como um todo. Mas há considerações a serem feitas.

Que fique claro: as diferenças – entre um possível circuito de arte aberto a diversas instâncias da sociedade e um pretense circuito acadêmico/universitário para a arte com características próprias – devem ser vistas como produtivas e não-estigmatizadoras: certamente que esta ‘dobra’ a mais, representada pela universidade, vem a estabelecer outro território; deve-se reconhecer a diferença como ganho; assim, cabem as perguntas: que caminhos podem ser inaugurados? Quais possibilidades podem ser apontadas? Se tomarmos a arte enquanto produção de pensamento e processamento sensorial, quais modos problematizadores são trazidos para o primeiro plano? (BASBAUM, 2006, 70).

Para dar sequência às perguntas que surgiram no processo de pensar a produção no âmbito acadêmico vemos sobre a experiência do projeto em questão. Como parte do segmento de propostas de apresentação de obras já existentes, o projeto Arte em Casa mostrou obras de acervo da Casa da Cultura da América Latina (CAL),⁸ considerando o período de fechamento de espaços físicos de arte. Foram feitos recortes do material como por exemplo, a partir da produção de artistas mulheres com a ideia de praticar uma reorganização curatorial de exposições já realizadas. O projeto Animar-te tratou de experimentar técnicas de animação a partir de obras com temáticas que atualizavam assuntos do momento como, por exemplo, a obra de Rubem Valentim e a anulação de políticas públicas do governo federal atual para a cultura.⁹

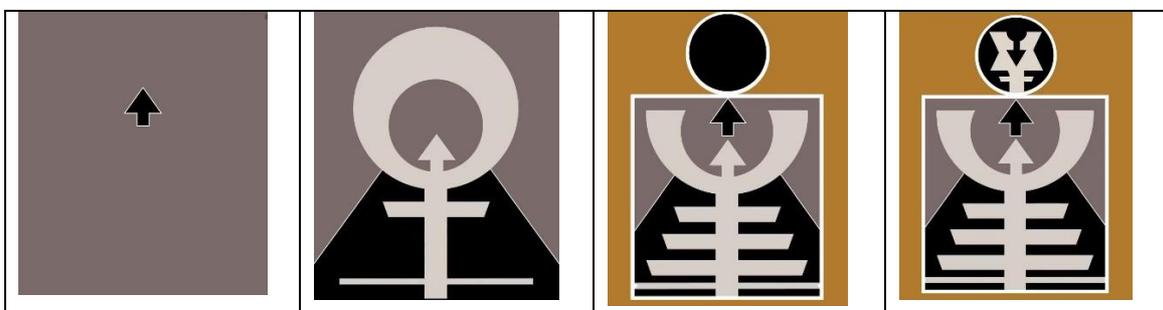


Figura 3. Projeto Animar-te, Concepção de arte digital/apropriação de Isaac Guimarães a partir da obra de Rubem Valentim como parte do Ações em Arte. Fonte: @vis.arte no Instagram

No segmento de trabalhos inéditos o motivo da produção foi sobretudo refletir sobre a circunstância da pandemia, o período de isolamento e novos hábitos cotidianos. Entre as propostas de curadoria discente, *Intermissão* exibiu nas redes de que maneira novas realidades impactaram processos criativos e permitiram o exercício prático de acompanhamento crítico das alunas curadoras com artistas em formação. *Arte Possível* trouxe a reflexão poética do tempo, da reorganização da vida, e do trabalho de ateliê e da maternidade tratando do tema arte/vida. *Prospecções Afetivas* explorou possibilidades de web-exposição refletindo sobre reinvenção, inovação, promovendo vernissage *on line* e participação de artistas internacionais na área da arte e tecnologia. Além das exposições ocorreram programas de entrevistas por meio de *lives* como o Coleção Particular e cursos alternando abordagens teóricas e oficinas para práticas artísticas.



Figura 5. Trabalhos do artista Gustavo Silvamamaral apresentados pelo projeto Intermissão como parte do Ações em Arte. Fonte: @intermissao

Mediante o processo de realização desse projeto de extensão ainda em curso, visando ações em arte devido às circunstâncias de pandemia e à exploração de plataformas digitais de exibição, percebemos a necessidade de destacar a configuração dos possíveis sentidos do artista universitário. Esta individualização talvez assumira sentido para uma percepção auto-crítica na formação. Isto significa dizer, pensar sempre o trabalho realizado nas emergências contextuais, nessa solicitação temática da atualidade. No caso, daquilo que falávamos da produção durante e sobre a pandemia. Do quanto estamos vivenciando um presente veloz e ao mesmo tempo o quanto se torna inevitável a participação na representação sobre ele ou na manifestação nas redes sociais.

São variados e arriscados os desafios de pensar acontecimentos em curso. A publicação a *Sopa de Wuhan*¹⁰ é uma prova de que, na atualidade talvez importe mais refletir no frescor do momento, desse tempo veloz, arriscando-se a más definições, do que operar no aguardo dos processos de um recuo histórico. Como comenta Alain Bandiou.

Vamos aceitar começar definindo o problema, muito mal definido, a propósito e, portanto, mal tratado. Uma epidemia é complexa porque é sempre um ponto de articulação entre determinações naturais e determinações sociais. Sua análise completa é transversal: devemos capturar os pontos onde as duas determinações se cruzam para obter as consequências. (BANDIOU, 2020, 71).



Figura 6. Animação digital de Artur Cabral para o projeto Ações em arte.

Fonte: @vis.arte

Neste sentido, importa destacar que, diante de uma aceleração do tempo e de um espaço disperso adensados por uma perspectiva temática preponderante, no caso, a pandemia, o desenvolvimento de projeto de produção artística na universidade voltado à extensão acrescenta a reflexão sobre a relação da prática e da criação motivados por contextos específicos. Permite que o discente considere aspectos da formação pela reflexão das circunstâncias de uma produção em construção. Possibilita a ocupação do espaço digital como um projeto político de auto-educação e dos sentidos da constituição de autocrítica do papel do artista.

Notas

¹ Até o dia 29 de julho, data de envio deste artigo, temos novas informações sobre o reconhecimento de dados governamentais acerca de primeiros casos. Consideramos nos números citados o período de maneira genérica entre os dados de casos existentes e da adoção de práticas de isolamento social. No momento, a informação mais alarmante e triste diz respeito aos 660.593 e 88.634, respectivamente no mundo e no Brasil, de mortes de indivíduos, cada um, uma pessoa, com uma história de vida e memória a ser lembrada.

² Entre outras obras de representação de situação de calamidades de doenças podemos citar: A Praga (1898) de Arnold Böcklin (1827-1901) sobre a Peste Bubônica; Autorretrato Após a Gripe Espanhola (1919) de Edvard Munch (1863-1944); Ignorância = Medo (1989) de Keith Haring (1958-1990) sobre a Aids que havia sido diagnosticado. Sobre análise históricas da arte acerca da peste Millard Meiss em *Painting in Florence and Siena after the Black Death* (1979) postula sobre retrocessos na produção após Giotto e o conservadorismo e pessimismo que se estabelece na representação.

³ Entre outros protocolos que passam por processos de representação estão: uso de água e sabão ou desinfetantes para mãos à base de álcool; a cobertura da boca e do nariz com o cotovelo flexionado ou com um lenço - ao tossir ou espirrar; o compartilhamento do histórico de viagens com profissionais de saúde e a atenção à sintomas corporais como febre, tosse e dificuldade de respirar.

⁴ Considera-se que este sistema implica na demanda de crescimento econômico, competição entre entidades individuais, desenvolvimento de uma tecnologia crescente, busca de vantagens competitivas, acompanhados de crescente mobilidade social. (SRNICEK e WILLIAMS, 2015).

⁵ Ações em Arte nos tempos da Covid-19 é um projeto de extensão proposto pela Coordenação de Extensão do Departamento de Artes Visuais, do Instituto de Arte da Universidade de Brasília (Vis/IdA/ UnB). Foi realizada uma chamada interna com variados modelos de participação docente e discente. Contamos tanto com equipe de

alunos como produção executiva quanto participantes criadores de propostas artísticas, cursos, palestras, lives e exposições individuais e coletivas.

⁶ Consideramos que pautas produzidas pela imprensa e discussões nas redes sociais em páginas institucionais de espaços culturais ou de formadores de opinião como por exemplo coletivos, artistas, ativistas oferecem temas potenciais de diagnóstico para pesquisa do tema e do momento. Além deste setor, pesquisas sobre impactos da pandemia na economia criativa seguem em desenvolvimento como é o caso da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Impactos da COVID-19 na Economia Criativa. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/proext/economiacriativa-covid19/>. Acesso. 29/05/2020

⁷ O projeto de extensão teve sua elaboração iniciada em 26 de março de 2020, com publicação da chamada de participação e descritivo das atividades no dia 06 de abril de 2020. As inscrições ocorreram entre os dias 10 e 16 de abril com mais de 40 propostas e 14 atividades propostas. Foi realizada uma série de postagens que apresenta as diversas atividades artísticas. O projeto busca viabilizar a aproximação entre comunidade universitária e sociedade com atividades gratuitas e abertas a todos os públicos. Foram realizadas 20 apresentações até o momento dentre os cerca de 25 projetos selecionados. Alguns foram apresentados na página @vis.arte no Instagram. Os demais projetos seguem em processo de adequação e reformulação. No momento estão sendo organizados conteúdo e memória do material para organização de catálogo.

⁸ A Casa da Cultura da América Latina, do Decanato de Extensão da Universidade de Brasília, foi criada para promover a arte e a cultura latino-americana. A CAL vem passando por uma série de reformulações e abrigando projetos de pesquisa específicos de pesquisas curatoriais orientadas como as das exposições “Relatos Subvertidos” e “Te faço nascer livre” das quais foram realizados esse recortes para o programa citado. Sobre a CAL: Disponível em: <http://www.acervocal.unb.br/> Acesso. 29/05/2020

⁹ O assunto se refere à entrevista polêmica de Regina Duarte, ex-secretária de cultura em alguns meses de 2020, cuja ambientação apresentava ao fundo a obra de Ruben Valentim, doada ao Ministério da Cultura. Este ministério foi extinto em janeiro de 2019 no governo atual e incorporado ao Ministério da Cidadania e, posteriormente ao Ministério do Turismo.

¹⁰ A publicação *Sopa de Wuhan — Pensamiento Contemporaneo en Tiempos de Pandemias* foi lançada em fevereiro com textos de filósofos e autores contemporâneos como Giorgio Agamben, Judith Butler, Alain Badiou e Slavoj Žižek. Trata-se da tentativa da organização de temas e perspectivas críticas sobre o que as sociedades estavam vivenciando ainda no segundo mês de 2020 e de casos que se espalhavam na Europa. A iniciativa explora as redes digitais como este espaço de disseminação da informação e atrai um outro caráter para a condição de dispersão tendo em vista o documento em formato PDF disponível para baixar.

Referências

BANDIOU, Alain. In: Sopa de Wuhan - **Pensamiento Contemporaneo en Tiempos de Pandemias** Disponível em: <http://iips.usac.edu.gt/wp-content/uploads/2020/03/Sopa-de-Wuhan-ASPO.pdf> Acesso 30 de março de 2020

BASBAUM, Ricardo. **O artista como pesquisador**. Revista Concinnitas. Ano 7, v.1, n. 9. Jul. 2006, p. 71-75

DANOWSKI, Deborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, Instituto Socioambiental, 2014.

GIANNOTTI, Marco. **A imagem escrita**. ARS (São Paulo), São Paulo, v. 1, n. 1, p. 91-115, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-

53202003000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 13 June 2020. <https://doi.org/10.1590/S1678-53202003000100009>.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2015.

_____. **A sociedade da transparência**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2014.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o Breve Século XX. (1914-1991)**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003, 598 p.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais**. Rio de Janeiro, Contraponto, 2015.

SRNICEK, Nick e WILLIAMS, Alex, 2015. **Inventing the future**. London/NY: Verso. ____ 2014. Manifesto aceleracionista. Lugar Comum, # 41. Disponível em: <http://uninomade.net/lugarcomum/41/>. Acesso em 27.3.2015.

Cinara Barbosa

Cinara Barbosa é Professora Adjunta do Departamento de Artes Visuais (VIS) da Universidade de Brasília (UnB). Áreas de pesquisa e interesse: História da Arte no Brasil, Curadoria e Sistemas da Arte. Membro do Comitê de Indicação do Prêmio Pipa 2019 e do Conselho da Galeria Espaço Piloto (UnB). Idealizadora do Plano das Artes - circuito e educativo em espaços de arte. Orientadora curatorial do projeto Curadorias Visíveis sobre o acervo da Casa da Cultura da América Latina (CAL). cinarabarbosa@gmail.com.